



## Comunicação Científica de Iniciação à Docência

QUEM É MAIS ALTO? - APRENDENDO MEDIDAS DE COMPRIMENTO A PARTIR DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.

**Evelyn Kowalski Boleti<sup>1</sup>**  
**Rita de Cassia Tinte<sup>2</sup>**  
**Neila Tonin Agranionih<sup>3</sup>**

Eixo Temático: Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Iniciais e Educação Infantil

### Resumo

O presente trabalho “Quem é mais alto? - aprendendo medidas de comprimento a partir de histórias em quadrinhos” tem por objetivo relatar a sequência didática “Resolução de Problemas - Quem é mais alto?” realizada em um Centro de Educação Integral - Escola Municipal de Curitiba – PR, em uma turma de 1º ano com vinte e sete crianças entre cinco e seis anos de idade. O planejamento e a aplicação da sequência didática fazem parte das atividades do Projeto Pedagogia 3 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), voltado para o trabalho com a matemática na Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental. O objetivo da atividade foi oportunizar as crianças situações problemas a partir de histórias em quadrinhos (GIBIS) no intuito de, em específico, investigar a compreensão que as crianças poderiam ter diante da necessidade de diferenciar alturas, “o mais alto e o mais baixo”, e conhecer quais hipóteses e estratégias elas desenvolveriam para solucionar os problemas apresentados. Tal proposta teve como embasamento teórico Smole, Diniz e Cândido (2000) Grando (2012) que entendem a resolução de problemas como algo essencial de se trabalhar com as crianças, seja na Educação Infantil ou nos anos Iniciais. Conforme

---

<sup>1</sup> \*Acadêmica do curso de Pedagogia da UFPR. Bolsista do Projeto PIBID – Pedagogia 3 – Matemática na Educação Infantil, [evelynkowalskiboleti@gmail.com](mailto:evelynkowalskiboleti@gmail.com).

<sup>2</sup> \*Acadêmica do curso de Pedagogia da UFPR. Bolsista do Projeto PIBID – Pedagogia 3 – Matemática na Educação Infantil, [rita.tinte14@gmail.com](mailto:rita.tinte14@gmail.com).

<sup>3</sup> Neila Tonin Agranionih. Doutora em Educação. Professora na Universidade Federal do Paraná, [ntaganionih@gmail.com](mailto:ntaganionih@gmail.com).



### **Comunicação Científica de Iniciação à Docência**

Grando (2012, p.3), “[...] oportunidades para a resolução de problemas ocorrem no contexto da vida cotidiana de uma criança.” Grando (2012, p.5) também chama a atenção sobre a fragmentação do conhecimento no trabalho pedagógico, pois segundo a autora “a ideia de número se constrói em situações sociais e culturais, de intercâmbio entre as crianças, [...] ou mesmo na necessidade de registrar as quantidades”. O ensino da matemática não deve se limitar a atividades excessivas e exaustivas de seriação, classificação, ordenação e etc, que visam a apreensão da criança em respeito ao conceito de número, conforme o PNAIC, “o aluno precisa desenvolver seu espírito investigativo, crítico e criativo, no contexto das situações-problema, produzindo registros próprios e buscando diferentes estratégias de solução” (BRASIL, 2014, p. 46). Nesta mesma perspectiva, o Letramento Matemático entende que a criança, para ser letrada matematicamente, não precisa ficar restrita a fórmulas e a própria escrita numérica, mas precisa ir além, buscando relacionar a matemática aos próprios problemas de sua vida cotidiana, permitindo assim que consiga ler a matemática presente em seu entorno social e saiba fazer o uso da matemática em seu dia-dia. (FONSECA, 2009; BRASIL, 2014).

Seguindo a ideia de que a matemática faz parte do dia a dia das crianças e que problemas podem surgir de sua própria realidade, sentimos a necessidade de trabalhar com as crianças o tema altura. Este era um problema apresentado pela própria turma, pois em certos momentos como o de fazer fila por ordem de tamanho, as crianças ficavam confusas em se ordenar do menor para o maior. A atividade foi desenvolvida em três momentos (divididas em três dias com intervalos de uma semana). No primeiro dia, foi projetada, com auxílio de um data show, a imagem de uma tirinha de gibi da “Turma da Mônica”, envolvendo questões de altura, a qual mostrava o Cebolinha rindo da altura da Mônica e ela afirmando que ele mesmo não se enxergava, já que denotava pela imagem, que eles eram de mesma estatura. Dessa forma, as bolsistas buscaram instigar resoluções de problemas possíveis para aquela situação, por exemplo, “- Por que a Mônica está medindo o Cebolinha? - Quem é o maior, a Mônica ou o Cebolinha? Como podemos saber?”.

Feita essa primeira roda de conversa com as crianças e o levantamento de suas hipóteses sobre o porquê da Mônica ressaltar que o Cebolinha não era maior que ela,



### **Comunicação Científica de Iniciação à Docência**

pedimos para que as crianças registrassem, por meio do desenho, que soluções elas dariam ao problema: “ - O que vocês fariam para saber quem é mais alto: a Mônica, o Cebolinha, a Magali ou o Cascão?”. Após a apresentação das soluções pelas crianças, a partir da apresentação dos desenhos para os colegas, conversamos novamente com as crianças a respeito de suas hipóteses e apresentamos um pequeno problema de lógica que também envolvia altura, “- Gustavo está procurando a casa de sua amiga Juliana, mas não consegue encontrá-la. Vamos ajudá-lo?”. Com a ajuda de um cartaz desenhado em cartolina, com a distribuição das casas que faziam parte do problema, pedimos para que as crianças nos ajudassem a levar o personagem da história para a casa correta, por meio de pistas que eram eliminatórias.

No segundo encontro, iniciamos as atividades com a leitura de um livro “Grande ou pequena?” de Beatriz Meirelles. Por meio da leitura retomamos o assunto da aula anterior e questionamos as crianças sobre o que elas haviam entendido e sobre o que acharam interessante. Propusemos os seguintes problemas: “- Vocês sabem quem é o mais alto da sala? - E o mais baixo? - Como fazemos para saber quem é o mais alto e o mais baixo?”. Após termos ouvido os conhecimentos prévios das crianças, chamamos à frente da sala as crianças identificadas pela turma como mais altas e mais baixas e indagamos novamente se sabiam como faríamos para ter certeza da altura. Após algumas respostas das crianças, apresentamos os instrumentos de medir (régua, fita métrica, trena, entre outros), e direcionamos um aluno por vez a um espaço onde havia uma fita métrica posta na parede da sala para podermos realizar a medida. Feita a medida de todas as crianças da turma, construímos um gráfico final conjuntamente com elas. Antes da construção do gráfico pedimos às crianças que desenhassem a si mesmo em um pequeno pedaço de papel, o qual seria anexado ao gráfico. Ao final da atividade conversamos sobre alguns conceitos matemáticos como centímetros e metro.

No terceiro encontro, foi apresentado um último problema: “- Imaginem que vocês querem usar um tênis novo para virem à escola, mas esse tênis está em cima do guarda-roupa e vocês não conseguem pegá-lo, por não terem altura suficiente para alcançá-lo, o que vocês fariam?”, pedimos para que as crianças registrassem por meio do desenho, a



### **Comunicação Científica de Iniciação à Docência**

forma que encontrariam para solucionar este problema. As respostas foram as mais diversas possíveis: utilizar uma escada para alcançar o tênis, chamar os pais ou até mesmo utilizar instrumentos maiores (cabo de vassoura, corda).

Com o desenvolvimento desta proposta, refletimos e pensamos porque a atividade foi tão bem aceita pelas crianças que interagiram, participaram ativamente e ficaram muito curiosas sobre o que seria desenvolvido principalmente com a história em quadrinhos da turma da Mônica, pois a apresentação da mesma foi em um meio diferente (data show). Algumas crianças evidenciaram já ter conhecimentos em relação aos instrumentos de medida, sobre como eram utilizados e onde podiam ser usados. Também evidenciaram saber que o tamanho de alguém se refere *ao tanto que a pessoa come*, ou a *idade que ela tem*. Algumas ainda tentavam relacionar o tamanho em relação aos números (centímetros), por exemplo, a criança diz que *a Mônica é maior porque chega até o número oito* (criança aponta para a corda desenhada no papel com os números de um a oito) e *o cebolinha até o sete*. Quando atividades propostas às crianças permitem sua participação ativa e protagonismo infantil, as dimensões de ensino-aprendizagem ultrapassam os objetivos iniciais propostos, pois nas semanas decorrentes desses três encontros, percebemos uma maior organização na formação de filas, por exemplo, de acordo com a formação que havíamos feito na atividade e na montagem do gráfico.

**Palavras chave:** Resolução de Problemas. Alfabetização Matemática. PIBID. Letramento matemático.

### **Referências:**

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Apresentação. Brasília: MEC, SEB, 2014.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis; CARDOSO, Cleusa de Abreu. Educação Matemática e letramento: textos para ensinar Matemática e Matemática para ler o texto. In:



### **Comunicação Científica de Iniciação à Docência**

NACARATO, Adair Mendes; LOPES, Celi Espasandim. Escritas e leituras na educação matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p.63-76.

GRANDO, C. R.; LOPES, E. C. Resoluções de problemas na educação Matemática para a infância. Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 2012, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas/SP. **Anais...** Araraquara-SP: Junqueira&MarinEditores, 2012.

SMOLE, S. C.; DINIZ, M. I.; CÂNDIDO, P. **Resolução de problemas**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 96p. (Coleção Matemática de 0 a 6, v. 2)